

INTERVALO ANALITICO



MATÉRIA DA CAPA

A presença da 'Brasileira'

"No próprio pensar psicanalítico, trabalhamos com o desconhecido, com aquilo que não é nomeado no plano da consciência".

Por Ana Maria Sabrosa
página 3

FAZENDO PARTE DA NOSSA HISTÓRIA

Entrevista com Jane Kezem

"Posso dizer que Ferenczi iluminou a minha clínica. Deveria ser leitura obrigatória para todos aqueles que pretendem exercer a Psicanálise..."

Por Margaret W. Binder
páginas 4 e 5

PSICANÁLISE & CIA

Entrevista com José M. Wisnik

"Assim também persegui durante décadas as relações entre "O espelho – Esboço de uma nova teoria da alma humana" e o famigerado escrito de Lacan sobre a etapa do espelho e a formação do eu."

Por Sandra Gonzaga e Silva
páginas 8 e 9

NA SBPRJ

Morte e Vida no Suicídio

"Apesar do sub-registro e subnotificações, o índice vem crescendo entre jovens e também idosos."

Por Monica Aguiar
página 10



SBPRJ

E por instantes Londres foi brasileira

Estávamos em Londres, numa plenária, quando de repente, num telão, começaram a projetar as mulheres pioneiras da Psicanálise. E lá estavam nossas meninas: Inaura, Marialzira, Rosa Beatriz e Zenaira. Para nós, brasileiros, para nós da Brasileira, um instante de profunda emoção. Nossa família sendo conhecida e reconhecida em Londres, num Congresso Internacional com mais de 2.500 participantes. De certa forma, já vínhamos marcando uma presença especial com Sergio Nick na vice-presidência da IPA. Em seguida, viveríamos a emoção de Marion Minerbo numa plenária, apresentando seu trabalho em português. Também nossos membros premiados com os trabalhos do Projeto Travessia e do Programa Escutar e Pensar. Vindos de dois grandes Congressos, um brasileiro, em BH, onde também Bernard Miodownik havia sido premiado, e um internacional, em Londres, onde agora festejávamos nossas colegas Maria Teresa, Sônia Eva e suas equipes, com a sensação quase infantil de que havíamos tomado Londres. O mundo reconhecendo o Brasil como um lugar onde se estuda e se pratica uma excelente Psicanálise.

Neste número do Intervalo, trazemos nossa presidente Ana Sabrosa falando sobre a maciça presença da Brasileira nos Congressos da Febrapsi e da IPA, onde discutimos, respectivamente, os temas "O Estranho de Freud" e "O Feminino". Em "Fazendo parte da nossa história", Jane Kezem, analista respeitada e muito admirada, nos conta um pouco da sua trajetória de sucesso na Medicina e da sua escolha pela Psicanálise. Nos conta também do porquê do seu encantamento por Ferenczi. Cristina Luce fala do feminino, do seu significado e, de forma leve e descontraída, relata a sua experiência modificadora no Congresso de Londres. Monique Assis também nos fala da experiência de estar nesse Congresso, em Londres, onde, segundo ela, "algo que estivera mudo em

nós daí em diante passou a ganhar uma forma". Sandra Gonzaga traz uma entrevista superinteressante com José Miguel Wisnick, pianista, compositor, escritor e professor de Literatura. Nela, ele discorre sobre a chegada dos 70 anos e a estranha sensação de que até aqui apenas colocou as peças no tabuleiro e agora é a hora de começar a jogar. Monica Aguiar nos fala da "Morte e vida no suicídio", acompanhando o Setembro Amarelo, quando nos obrigamos todos a refletir sobre o crescente fenômeno do suicídio. Monica fala da jornada sobre o suicídio na SBPRJ, quando Hélio Rocha, psiquiatra estudioso do tema, e Pedro Duarte, filósofo, puderam discorrer sobre a questão. Gallego, nosso profundo conhecedor e amante do Cinema, falando desta vez do Cinema no final dos anos 50, época da *Nouvelle Vague*, feito então por jovens crescidos numa Europa pós-guerra, sem inocência e massificada. E, por fim, no "Divulgar é preciso", nossos premiados Bernard Miodownik, Maria Teresa Rocha e Sônia Eva Tucherman estão com a palavra e a emoção.

Ao chegar no Queen Elizabeth II Centre, de frente para a Abadia de Westminster, não pude deixar de pensar que Londres tinha sido o cenário das *Controversial Discussions*, como ficaram conhecidos os 10 encontros realizados pela Sociedade Britânica, entre janeiro de 1943 e maio de 1944. Encontros estes onde se discutiu, de forma acalorada, as discordâncias sobre a teoria, a prática e o ensino da Psicanálise. Entre tais discordâncias, estariam os achados teóricos de Melanie Klein, em sintonia com as linhas principais da Psicanálise, formuladas por Freud e, naquele momento, sustentadas por sua filha Anna Freud? Ou essas novas contribuições estariam apoiadas em premissas tão diferentes a ponto de se pensar numa outra escola de Psicanálise? O pós-guerra assistia ao início de análises mais centradas na figura materna. Começava o feminismo em toda a Europa. As mulhe-

res utilizando suas experiências enquanto mães e professoras, agora legitimadas a trabalhar com crianças, só que como analistas.

Também podemos pensar que, até o momento, a maioria dos seguidores de Freud eram homens, entre eles Jung, Adler, Ferenczi e Abraham. E divulgavam uma teoria que dava ênfase ao falô, assim como a inveja e o medo de não tê-lo ou perdê-lo.

E, então, vemos as principais analistas kleinianas da época, Paula Heimann, Hanna Segal, Susan Isaacs, Joan Riviere, todas mulheres, trazendo uma teoria agora centrada no seio e na força da influência feminina no desenvolvimento humano.

Entre tantos motivos, podemos pensar este confronto entre os freudianos e os kleinianos também como um confronto entre os sexos ocorrido na primeira metade do século XX.

Neste último Congresso, discutimos, analistas homens e mulheres, o feminino em todas as suas formas. A plenária de abertura feita por uma mulher, Julia Kristeva, falando de forma profunda sobre o feminino, e que, na sua fala, menciona nossa primeira presidente mulher da IPA, Virginia Ungar.

Analistas homens e mulheres podendo desbravar o feminino, juntos, e podendo entender a alma humana com muito menos amarras. Estamos devagar chegando lá.

Nossa capa traz um ônibus inglês que carrega uma bandeira brasileira. A foto não está tão nítida. Ah, mas posso quase apostar que a motorista também é uma mulher, e brasileira!

// Margaret Waddington Binder

Editora / margawb@terra.com.br

INTERVALO ANALÍTICO

Editora: Margaret Waddington Binder

Colaboradores do Intervalo Analítico: Angela Moura, Eloá Bittencourt Nóbrega, Maria Lucia Moret, Monica Aguiar, Nazli Faraj Sasson, Luiz Fernando Gallego, Sandra Gonzaga e Silva, Tiago Mussi e Wania Cidade

Projeto Gráfico: Fantastico Studio di Design / **Editoração:** Celyne Maués / **Revisão Ortográfica:** Lucas Paiva
As opiniões dos autores das matérias são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO – CONSELHO DIRETOR 2019-2020

Presidente: Ana Maria Sabrosa Gomes da Costa Nogueira; **Vice-Presidente:** Luiz Fernando Guedes Gallego Soares; **1ª Secretária:** Maria Lucia Moret de Carvalho; **2ª Secretária:** Maria Esther Mihich; **1ª Tesoureira:** Marcela Couto e Silva de Ouro Preto Santos; **2ª Tesoureira:** Karla Loyo / **Instituto de Formação Psicanalítica:** Miguel Calmon du Pin e Almeida (Diretor), Ruth Naidin (Vice-Diretora), Adriana Lasalvia (Secretária) / **Conselho Científico:** Monica Maria Martins Aguiar (Diretora), Angela Barbosa Moura (Secretária) / **Conselho Profissional:** Bernard Miodownik (Diretor), Sônia Eva Tucherman (Secretária) / **Clínica Social:** Carlos Alberto Quilelli (Diretor), Renata Martinelli Duarte (Secretária) / **Centro de Estudos Psicanalíticos:** Maria Teresa Silva Lopes (Diretora), Eloá Bittencourt Nóbrega (Secretária) / **Departamento de Publicação e Divulgação:** Margaret Waddington Binder (Diretora), Sônia Bromberger (Secretária) / **Departamento de Difusão da Psicanálise:** Regina Murat (Diretora), Munira Aiex Proença (Secretária) / **Site:** Maria Fernanda Borges Rossi



A presença da Brasileira

Os mais de cinquenta trabalhos que foram apresentados por nossos membros no 27º Congresso da Febrapsi além de cursos oferecidos, e o grande número de participantes da SBPRJ no 51º Congresso da IPA atestam o vigor do interesse de nosso corpo societário no cenário psicanalítico nacional e internacional. A qualidade dessa participação se reflete, inclusive, nas premiações concedidas individualmente e em equipe, o que nos honra muito e merece todo o nosso reconhecimento.

Bernard Miodownik, por seu trabalho intitulado "Narrativas da Contratransferência – O continente chiaroscuro do psicanalista", recebeu o prêmio oferecido pela Revista Brasileira de Psicanálise. Nas palavras de Bernard: "O fato de ter trabalhos premiados em dois Congressos consecutivos por si só já diz sobre a emoção pessoal. Reconhecimento também para a SBPRJ pelo 'espaço potencial' que oferece ao desenvolvimento dos seus membros".

Com a temática que faz menção ao centenário de "O estranho" encontramos a ideia de uma estranha familiaridade que pode ser vivida por todos nós a qualquer momento. Diante do paradoxal universo entre o familiar e o desconhecido, somos invadidos pela própria sensação do sinistro. No próprio pensar psicanalítico, trabalhamos com o desconhecido, com aquilo que não é nomeado no plano da consciência. Faz-se necessário um árduo trabalho para que os acordes e melodias pulsionais, inscritos nos primórdios do inconsciente, possam ser escutados e falados. Não suscitar convicções, estimular pensamentos e derrubar preconceitos foi a máxima que atravessou o Congresso em Minas Gerais! A presença dos alunos do Instituto de Formação Psicanalítica da SBPRJ foi significativa e revelou, também, grande entusiasmo pelas atividades propostas.

Com Virginia Ungar, primeira mulher presidente da IPA, acompanhada na vice-presidência por nosso querido colega Sergio Nick, e com tradução em português nas grandes plenárias, assim aconteceu o Congresso sobre O Feminino, com abertura realizada por Julia Kristeva. Torna-se necessário o aprofundamento do estudo sobre a temática para decantarmos os desdobramentos do que vai além de um "continente obscuro", como Freud nomeou O Feminino. Estamos em Londres, na cidade que acolheu Freud e onde ele

viveu até seus últimos dias, participando de um Congresso com psicanalistas de 58 países, que procuram dar continuidade à transmissão do que nosso genial mestre nos legou, já era motivo para fortes emoções. Ver a nossa Brasileira ser premiada pelos trabalhos realizados há quase duas décadas pelos nossos colegas foi muito especial e as equipes empenhadas nesses projetos merecem todo nosso apoio e gratidão. O Projeto Travessia e o Programa de rádio Escutar e Pensar receberam, em Londres, os prêmios *IPA in the Community Award (runner-up)* pelo Comitê de Violência e pelo Comitê de Cultura – respectivamente.

Os doze prêmios (entre o 1º e o 2º lugar) oferecidos pela IPA na área de Comunidade-Cultura-Educação-Saúde-Organizações Humanitárias-Psicanálise & Lei e Violência evidenciam um olhar que não está restrito ao divã que Freud recebeu, como presente de uma de suas pacientes, e continua lá no mesmo endereço, mas podemos dizer que esse divã criou asas e sobrevoa o mundo. Aliás, os próprios trabalhos de Freud também são inspiradores para o percurso por meio desse viés. Encontramos uma Associação Psicanalítica Internacional que proporcionou um Congresso que fez jus à assertiva de Freud, quando na XXXIII Conferência, em 1933, nos disse: "Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e coerentes".

Muitos trabalhos de colegas evidenciaram estar atentos à dor do sujeito, dispostos a compreender o sofrimento psíquico, a empatizar com ele tentando buscar caminhos alternativos para alcançar os sentidos do que parece *unheimlich*, para encontrarmos em nós mesmos o sofrimento do outro. O sofrimento do outro, na arte de tratar, nos implica e nos convoca para uma narrativa de histórias coconstruídas nesse campo que nos é familiar, de nossos consultórios, mas que não pode deixar escapar o alcance significativo e da maior importância que os projetos merecidamente premiados nos apontam.

Teresa Rocha, como coordenadora da equipe do Travessia, salientou a importância de se criar uma "rede de apoio", para que possamos garantir a continuidade do projeto. Sônia Eva Tucherman, à frente da coordenação dos Programas Escutar e

Pensar e Perguntar e Pensar, fala de sua convicção de que o conhecimento é um bem a ser distribuído amplamente.

Preparamos um PowerPoint, sugerido pela organização do Congresso, com as nossas pioneiras da SBPRJ, acompanhado de um breve texto descritivo a respeito de cada uma delas. Durante os intervalos das plenárias, nos emocionamos com a projeção, no telão, do rosto de tantas psicanalistas mulheres ao redor do mundo e, entre elas, Zenaira Aranha, Inaura Carneiro Leão, Marialzira Perestrello e Rosa Beatriz Pontes de Miranda Ferreira. Psicanalistas que se empenharam firmemente pela transmissão da Psicanálise no Brasil e em nossa Sociedade.

Colegas nossos, da Brasileira, participaram de mesas, apresentando trabalhos sobre o feminino, ética, envelhecimento, fazendo parte de *working party*, entre outras atividades que pudemos explorar e, lá fora, para além das janelas do Queen Elizabeth II Centre, onde nosso Congresso se realizou, a Londres, tão inimaginavelmente quente, nos oferecia muitas atrações que tivemos que nos abster, mas foi impossível resistir à exposição nomeada "Amor e angústia", organizada no British Museum, com as obras de Munch e sobre a sua vida. E imaginar que Munch, enquanto esteve em Paris, participou de algumas reuniões com Charcot na Salpêtrière. Munch assumbrava-se pelo medo de um "colapso mental". Diz Munch: "Eu não descartaria minha doença porque há muito em minha arte que eu devo a ela". Um dos últimos quadros da exposição era "O Grito". Não me refiro ao conhecido quadro da ponte, onde a figura de uma pessoa nos comove com o seu sofrimento expresso na tela. Mas o "mesmo grito" numa tela intitulada "Mãe morta e criança" (1901), na verdade ele mesmo, Munch-criança, com 5 anos de idade, pintado no leito de morte de sua mãe. Dor, pedido de socorro, um quadro que eu não conhecia, mas me parecia muito familiar. A dor do adulto na ponte reverberava uma dor vivenciada na infância, quanta coisa a pensar, a escrever... Fica, desde já, o incentivo para nos reunirmos no próximo Congresso da IPA, que será realizado em Vancouver, com o tema "O infantil: suas múltiplas dimensões".

// Ana Maria Sabrosa

anamabrosa@gmail.com



Filiada à Febrapsi, Fepal e IPA

www.sbprj.org.br

Instagram: @sbprj_rj

Entrevista com Jane Kezem



Jane é psicanalista, membro efetivo com funções específicas do Instituto. Ex-presidente da SBPRJ (2005-2006).

Jane, sabemos que você vem de uma esplêndida formação médica. Conte-nos um pouco da sua história e desse seu percurso pela Medicina.

Eu nasci em Santo Antônio de Pádua, um pequeno município do Estado do Rio de Janeiro. Sou a caçula de dez irmãos e nos mudamos para o Rio quando eu tinha apenas 8 anos. Segui meus estudos aqui no Rio de Janeiro e, aos 19/20 anos, ingressei na Universidade Federal Fluminense, no curso de Medicina. Durante o curso médico, conheci e fui muito influenciada pelo professor José Rodrigues Coura, que iniciava suas atividades como professor titular da disciplina de doenças infecciosas e parasitárias (DIP) e que, mais tarde, fundou o primeiro curso de extensão em DIP. O professor José Rodrigues tinha uma preocupação pouco comum naquela época com o relacionamento médico-paciente, o que despertou em mim um especial interesse em poder atender um paciente integralmente, corpo e mente.

Nesta época, já havia começado minha análise com um analista da SBPRJ e logo começaria minha formação nessa mesma Sociedade.

Cheguei a prestar concurso para uma residência médica nos EUA, mas apesar de ter sido aceita, decidi não ir e continuar no Brasil com a família. No ano seguinte, por meio de um concurso público, entrei na carreira docente como professora auxiliar de ensino e passei a ministrar aulas no curso de doenças infecto-parasitárias no Hospital Antônio Pedro. Por mais ou menos doze anos permaneci nesse serviço. Interessei-me pelo estudo de doenças do fígado e com toda experiência no atendimento daqueles pacientes acabei por fazer um mestrado e um doutorado na UFRJ. Ambas as teses versavam sobre hepatites virais.

Naquela ocasião, eclodiu a terrível epidemia de AIDS. Uma experiência muito dolorosa ter que lidar com essa doença que, por um longo período, não tinha qualquer tratamento, deixando tais pacientes no mais absoluto desamparo e rapidamente levando-os à morte.

Me engajei de corpo e alma na luta pela criação de um grupo multidisciplinar para atendimento psicossocial daqueles enfermos, uma forma de, ao menos, mitigar um pouco tanta dor e preconceito vividos pelos enfermos dessa doença.

Candidatei-me e ganhei uma bolsa do CNPq, de pós-doutorado, e fiquei em Londres de meados de 1988 até final de 1989, dedicando-me ao estudo do HIV, mas, também, já participando do mundo psicanalítico.

Entre em contato com a Sociedade Britânica de Psicanálise, passando a frequentar não apenas as reuniões da Sociedade, como também do atendimento psicanalítico de pacientes em

clínicas públicas. Nesse período, tive a oportunidade de fazer análise com Hanna Segal.

Na volta ao Brasil, passei a dedicar boa parte do meu tempo à Psicanálise e à SBPRJ, exercendo não apenas funções didáticas, mas também diferentes funções administrativas, chegando a ocupar a presidência da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro no biênio 2005/2006.

O que a fez se decidir por uma formação psicanalítica e se tornar uma analista totalmente dedicada a essa profissão, exercendo, inclusive, funções didáticas?

Perder meus pais tão cedo, ainda criança, foi um fato determinante no meu desenvolvimento emocional. Uma tal vivência de dor e sofrimento num tempo ainda tão precoce me fez observadora de mim mesma. Ao mesmo tempo, sempre me intrigou a diferença de comportamento entre as crianças, quase sempre alegres e espontâneas, e os adultos, sérios, preocupados, mal-humorados, tristes.

Eu tinha a fantasia que se estudasse Medicina poderia compreender melhor o ser humano e suas vicissitudes.

Ainda adolescente, morei com minha irmã e meu cunhado, e eles tinham uma coleção das Obras Completas de Freud. Foi quando comecei a ler Freud e a me interessar muito por suas ideias. Houve, naturalmente, uma transição gradual da Medicina para a Psicanálise. Eu atendia pacientes como médica, mas já havia começado a minha formação. Mas, com o tempo, acabei por me dedicar totalmente à Psicanálise.

Voce é coordenadora há muitos anos na SBPRJ de um grupo de estudos

“Ferenczi, contemporâneo de Freud e seu maior interlocutor, trouxe ideias interessantes, inovadoras para a época, colocando o analista na cena analítica.”



Jane Kezem

pioneiro sobre Ferenczi. Como o contato com Ferenczi influenciou o seu trabalho?

Num curso sobre Winnicott, com Luiz Claudio Figueiredo, vez por outra ele citava um autor pouco divulgado, que despertava opiniões controversas, conhecido no meio psicanalítico como o “*enfant terrible*” da Psicanálise. Ferenczi, contemporâneo de Freud e seu maior interlocutor, trouxe ideias interessantes, inovadoras para a época, colocando o analista na cena analítica. Entre eles desenrolou-se uma fascinante história de amizade, respeito e admiração mútuos. Ferenczi trouxe para o foco de luz o ser humano que habita cada analista. Suas propostas sobre a elasticidade da técnica visam encontrar dita elasticidade na pessoa do analista. Ele foi o grande defensor do que hoje conhecemos como a segunda regra fundamental da Psicanálise, que seria exatamente a necessidade de uma análise profunda de todo aquele que pretende tratar outras pessoas.

Um autor que, por muitos anos, foi relegado ao ostracismo, mas, felizmente, recentemente tem sido reconhecida toda a sua criatividade e extraordinária colaboração à Psicanálise.

Organizei um grupo de estudos pelo qual passaram inúmeros colegas da nossa Sociedade. Um grupo inicial composto por Anne Lore Gomes Coelho, Claudia Bernardes, Liene Soares, Margaret Binder, Maria Cristina Modrach, Liene Soares e Wania Peçanha de Oliveira, quando estudamos profundamente a obra de Ferenczi por muitos anos. Continuo com este grupo de estudos, só que agora composto por Angela Stieger, Claudia Bernardes, Maria Cristina Modrach, Maria Elisa Alvarenga e Wania Peçanha de Oliveira. Introduzimos o estudo de Ferenczi no

currículo da Formação do Instituto da SBPRJ e ministramos inúmeros cursos na SBPRJ. Frequentamos, ainda, Congressos Internacionais da Sociedade Sandór Ferenczi, onde apresentamos trabalhos escritos pelo nosso grupo. Também participamos de inúmeras reuniões científicas, quando sempre fica evidente o interesse que Ferenczi desperta para a Psicanálise contemporânea.

Ferenczi me encantou pelo ser humano que era. Ele e Freud tiveram um longo percurso juntos enquanto discutiam diferentes trabalhos sobre a Psicanálise. Se desentenderam por conta de um trabalho escrito por Ferenczi, “*Confusão de Línguas*”, um trabalho que tratava do abuso infantil pelo adulto.

Posso dizer que Ferenczi iluminou a minha clínica. Deveria ser leitura obrigatória para todos aqueles que pretendem exercer a Psicanálise e fico muito feliz em poder acompanhar o interesse cada vez maior por esse autor único e criativo, um autor que ainda hoje surpreende e encanta os novos analistas. Podemos dizer que ele foi verdadeiramente um precursor da Psicanálise contemporânea.

Pode-se antever vida longa a esse grupo tão interessado na obra de Ferenczi e que muito tem ainda a realizar para a difusão de suas ideias.

Como você vê a Psicanálise praticada nos dias de hoje?

A prática da Psicanálise tem sofrido influência das inúmeras modificações sociais e do desenvolvimento tecnológico. Temos que levar em conta as dificuldades que vivemos hoje em relação à mobilidade urbana, principalmente nas grandes cidades, o que dificulta a locomoção para sessões de análise fre-

quentes, de até algumas vezes por semana. Também atravessamos um momento de crise financeira, assim como o surgimento de novas maneiras de relação interpessoal que acabam interferindo também na realidade do nosso trabalho como psicanalistas. A continuidade de atendimentos com frequência diária, o que era comum em tempos passados, assim como um número grande de sessões, em alguns lugares, ainda hoje de, no mínimo, quatro sessões semanais para aqueles que estão fazendo a Formação são questões que estão no foco das discussões no meio psicanalítico mundial, com grande tendência à redução.

Outra realidade é o atendimento de pacientes feito pela internet, por Skype ou outros aplicativos, o que tem possibilitado o atendimento de pacientes moradores de localidades distantes ou aqueles sem mobilidade suficiente para ir até o consultório. A telemedicina é, hoje, um assunto aberto ao debate nos diferentes grupos e Sociedades cujos membros trabalham na área de saúde atendendo seres humanos nas situações mais ímpares.

Que qualidades você acredita serem essenciais a um psicanalista?

Acho que uma das mais importantes qualidades, eu diria mesmo, característica humana para alguém ser um bom psicanalista seria acolhedor, um ser humano capaz de acolher a dor e o sofrimento do outro. Os pacientes nos procuram trazendo com eles todo um sofrimento para o qual buscam alívio. E o acolhimento dessa dor é o primeiro passo de todo um processo de autoconhecimento, desenvolvimento pessoal e até de cura desse sujeito.

// Margaret Waddington Binder
margawb@terra.com.br

O Feminino e a polissemia que a palavra contém



Estar no 51º Congresso da IPA, com psicanalistas em número superior a 2.500, provenientes do Brasil e de mais de 50 países de todo o mundo, inclusive da China, foi, para mim, uma

experiência extremamente rica e diversificada. Plural até nos contrastes arquitetônicos: visualizar a Abadia de Westminster (construção atual iniciada em 1245), a partir do QEII Centre, prédio do Congresso (inaugurado em 1986).

O tema – O Feminino – impactante e instigante. Já na conferência de abertura, "Prelúdio a uma ética do feminino", ministrada por Julia Kristeva, como ao longo de todos os dias do Congresso. O Feminino como fator de transformabilidade da vida psíquica, a importância da ética do feminino, fecundidade e erotismo, gênero, foram alguns dos temas que Kristeva iniciou. Ao longo dos encontros, o tema continuou a ser abordado por meio de diversos enfoques e utilização de múltiplos recursos. Conferências, mesas redondas, workshops, filmes, entre outros. Estimulante a possibilidade de participar, seja escutando, perguntando, debatendo e até, surpreendentemente, trocando ideias durante um cafezinho, com uma psicanalista oriunda da mesma cidade que Kristeva iniciou. Ao longo dos encontros, o tema continuou a ser abordado por meio de diversos enfoques e utilização de múltiplos recursos. Conferências, mesas redondas, workshops, filmes, entre outros. Estimulante a possibilidade de participar, seja escutando, perguntando, debatendo e até, surpreendentemente, trocando ideias durante um cafezinho, com uma psicanalista oriunda da mesma cidade que Kristeva iniciou. A quantidade de colegas brasileiros, de trabalhos por eles apresentados,

dos prêmios por trabalhos comunitários construídos e ativos, somada ao fato de ouvir nosso colega Sergio Nick na cerimônia de abertura, me provocou contentamento. E conviver especificamente com os irmãos da Brasileira foi muito prazeroso. Distante da terrinha, mas vivenciando maior entrelaçamento entre os pares. Palavras, mas também imagens me vêm à memória ao evocar o Congresso. O documentário "Paula Rego: Histórias e Segredos", produzido pela BBC, em 2017, e realizado por seu próprio filho, Nick Willing, foi disparador de mesa redonda sobre o Feminino. Paula, pintora portuguesa, "pinta para dar face ao medo" e suas telas e falas exibem sua vivência como mulher, artista, imigrante, filha, mãe, amante, enlutada. Ela encara o corpo feminino, a bissexualidade, a gravidez, o parto e seu reverso, o aborto. O Feminino e a polissemia que a palavra contém gritam: fecundidade, erotismo-masochismo, igualdade de gênero, submissão-libertação.

// **Cristina Luce**
cris.lutz.luce@gmail.com



Escultura *Vênus de Cápua*
(Museu Nápoles, Itália)

VAI ACONTECER

PSICANÁLISE E PSICOSSOMÁTICA
Diálogos teórico-clínicos
25 e 26 de outubro. Local: Sede SBPRJ

Programa completo e mais informações:
www.sbprj.org.br

PSICANÁLISE & CINEMA
01 de novembro, às 19h.
Local: Sede SBPRJ

Debate sobre "SEXUALIDADES MIGRANTES" a partir do filme TRÁIDOS PELO DESEJO (1992). Debatedor a confirmar

PSICANÁLISE & CINEMA
08 de novembro, às 19h.
Local: Sede SBPRJ

Debate sobre "SEXUALIDADES MIGRANTES II" a partir do filme UMA MULHER FANTÁSTICA. Mais informações: www.sbprj.org.br

RESERVE AS DATAS: JORNADA COMEMORATIVA DOS 60 ANOS DE FUNDAÇÃO DA SBPRJ | 05-06 DE DEZEMBRO.



O Feminino

Em julho deste ano, na cidade de Londres (UK), tivemos o 51º Congresso Internacional de Psicanálise da International Psychoanalytical Association (IPA) e a 25ª Conferência da International Psychoanalytical Studies Organization (IPSO), cujo tema "O Feminino" foi amplamente discutido e, me arrisco a dizer, intensamente vivido.

A escolha do local da cerimônia de abertura, o Methodist Central Hall, que outrora servira de palco para a primeira Assembleia Geral da ONU, em 1946, em tempos de Brexit, já dava indícios que teríamos naqueles próximos dias um encontro transformador.

Passado o impacto da grandiosidade do templo e a beleza musical do organista, tivemos, após as aberturas formais presididas por Virginia Ungar e Sergio Nick, a palestra da filósofa e psicanalista búlgara Julia Kristeva.

Daí em diante, já não éramos mais os mesmos. Algo que estivera mudo em nós pareceu ganhar alguma forma. Não teria como descrever, e nem competência para tal, a experiência daquele dia. Porém, lembro de me emocionar com duas passagens proferidas por Kristeva. A IPA precisou de uma presidente MULHER para falar do FEMININO e que a SEXUALIDADE FEMININA não é um ENIGMA, um MISTÉRIO". E, agora, palavras dela:

"– estou farta dos seus mistérios disruptivos, de suas maquiagens de todo tipo! Em que proporção o feminino está em mim? Em vocês? Ninguém sabe, mas o feminino que eu encarno, à minha ma-

neira, não é um artefato ideológico. EU participo de seu advento, sempre já por vir. Simone de Beauvoir escreve: 'Não se nasce mulher, torna-se mulher'. Eu diria: nasce-se (biológico) mulher, mas EU (consciente-inconsciente psicosssexual) me torno (ou não) feminino (FEMININA)". (KRISTEVA, 2017).

Depois disso, o Congresso foi INAUGURADO e o que vi foi uma pluralidade de apresentações que versavam sobre o tema de forma rica, profunda e sob diversos matizes teóricos. Todas as Sociedades representadas e respeitadas e, pela primeira vez, o português como uma das línguas oficiais do Congresso. O programa primava pela diversidade e abran-

gência: conferências, painéis, temas livres, grupos de discussão, *working party*, exercício clínico, atividades promovidas pela IPSO, pôsteres, sessões de cinema e apresentações de estudos e programas que visam promover uma interface entre o pensamento psicanalítico e as diversas esferas da sociedade e da cultura.

E, como sempre, deixamos o melhor para o final, a premiação dos projetos sociais da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), Travessia e Escutar e Pensar. Parabéns, Teresa Rocha e equipe e Sônia Eva Tucherman. O feminino está em festa!!!!

// **Monique Ribeiro de Assis**
monique_assis@uol.com.br



Imagem de Stefan Keller
por Pixabay

NOTAS DO CONSELHO DIRETOR

Homologações / referendos da Assembleia Geral Ordinária de 16/09/2019

- 1) Homologações: 1.1) Solicitação de passagem para membro extra-quorum do membro associado Selene Bevilaqua Chaves Afonso;
- 1.2) Solicitação de desligamento do membro efetivo: Eni Mendlowicz.

Elogio à Multiplicidade

José Miguel Wisnik



Em que ponto você está?

Ano passado, lancei um livro sobre Drummond (Maquinação do Mundo) e fiz 70 anos. Pela primeira vez, escrevi um livro inteiro sobre Literatura, depois de ter escrito sobre a música em geral (O som e o sentido, 1989) e sobre o futebol no Brasil e no mundo (Veneno remédio, 2008). Música, futebol e literatura são assuntos da minha vida, como paixões e como linguagens – dos sons, dos corpos e das palavras. *O som e o sentido* envolvia uma discussão implícita sobre as formas do tempo na experiência humana, e *Veneno remédio*, uma discussão explícita sobre o Brasil. Talvez os dois primeiros assuntos tenham servido como preparação e adiamento para o confronto com o último, no qual eu me deparei mais fundamentamente com a minha própria escrita. Por isso mesmo, o momento atual

não me leva a um balanço de tipo retrospectivo. Ao contrário, tenho a estranha sensação de que até aqui eu apenas coloquei peças no tabuleiro, e que agora sim seria a hora de começar o jogo. Tarde demais? Não importa, é nesse ponto que estou. Sinto vontade de escrever relatos de ficção-ou-não que sejam também pensamento, de me ver mais livre do carma universitário, de me bater de maneira pelo menos mais ágil com as circunstâncias estarrecedoras do mundo de hoje. Se enxergo a Literatura como um alvo à minha frente, ao qual preciso chegar, a música continua sendo a nuvem que paira acima e dentro, naquele lugar que é só dela, e que por isso mesmo não precisa ir a lugar nenhum.

A Maquinação do Mundo é um exemplo extraordinário de análise da poética drum-

mondiana, em sua dimensão cosmopolita e universal e em suas origens itabiranas e das ressonâncias da postura crítica do poeta diante da devastação ambiental provocada pela mineração. Conte-nos da ideia e de sua elaboração.

Sempre li o poema “A máquina do mundo” com a sensação vaga de que aquela entidade metafísica que aparece ali, vazada em dicção dantesca e camoniana, sinalizava também a aparição surda de alguma realidade técnica e econômica, insidiosa e não dita, fazendo-se presente no mundo pedregoso de Minas. A hipótese soava, no entanto, inverossímil e pouco plausível, quando se pensa no isolamento provinciano e nada moderno de Itabira do Mato Dentro, e na imagem que nós fazemos dela como uma “cidadezinha qualquer”. Ao ir por acaso a Itabira, no entanto, me defrontei com o óbvio: uma paisagem devastada pela ação da Companhia Vale do Rio Doce, empresa mundial criada originalmente para explorar o minério de ferro contido nas jazidas da cidade, aquele mesmo que entranha as calçadas e as almas, como diz a “Confidência do Itabirano”. Montanhas viraram crateras, a igreja tombou, a fazenda da família de Drummond virou uma barragem de rejeitos. Dava quase para pegar no ar a ideia de que estava ali uma grande máquina do mundo atuando ao longo de décadas. Não simplesmente a Vale, mas a geoeconomia que transforma o mundo todo em estoque de sua intervenção exploradora, incidindo, no caso, sobre a reserva lírica da proustiana “memória involuntária” do poeta. Decidi tentar estabelecer, então, a ponte sempre perigosa e traiçoeira entre poesia e realidade, mas procurando não cair no reducionismo histórico-sociológico. Acho

“Nunca estudei a teoria psicanalítica como um especialista, propriamente, e nunca fiz Psicanálise. Mas a minha relação com ela é a de uma aproximação constante, pautada e guiada pela Literatura”.



José Miguel Wisnik / foto: Renato Mangolin

que a hipótese do contraponto fundo entre a atuação do poeta e a história da mineração acabou encontrando apoio nos dados factuais, nas datas, nos múltiplos sinais de toda ordem que foram aparecendo na pesquisa e concentrando-se em poemas, contos, crônicas e artigos polêmicos de jornal. A poesia de CDA é “pico de Itabira que máquina mineradora não corrói”, diz um poema de Waly Salomão. E sua luta inglória e premonitória contra a ação da Vale retorna de maneira trágica nas catástrofes criminosas de Mariana e Brumadinho.

Em seus ensaios, aulas, cursos, os conceitos psicanalíticos são referências importantes, como testemunhamos em sua conversa aqui na SBPRJ, falando de Machado de Assis e seu conto O Cônego e a Metafísica do Estilo. Qual o lugar da Psicanálise em seu percurso?

Nunca estudei a teoria psicanalítica como um especialista, propriamente, e nunca fiz Psicanálise. Mas a minha relação com ela é a de uma aproximação constante, pautada e guiada pela Literatura. O conto de Machado de Assis que você citou, por exemplo, publicado na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, em 1885(!), anuncia com fulgurante imaginação paródica uma então futura teoria do inconsciente na qual podemos reconhecer, a posteriori, conceitos como o da pulsão e suas vicissitudes, o caráter libidinal investido na escolha das palavras, os mecanismos de denegação e repressão, a elaboração onírica. Machado tinha, em sua biblioteca, a tradução francesa da *Filosofia do inconsciente*, de Eduard von Hartmann, mas é impressionante constatar como o inconsciente que aparece no conto é distante do de Hartmann e

próximo do de Freud, e, mais que isso, como anuncia com humor a futura conversão da improvável teoria do inconsciente em ortodoxia. Podemos dizer, num chiste a sério, que Machado é não só um analista *avant la lettre*, mas um analista *après la lettre*: anteviu a Psicanálise e riu dos seus efeitos antes dela existir. Assim também persegui durante décadas as relações entre “O espelho – Esboço de uma nova teoria da alma humana” e o famigerado escrito de Lacan sobre a etapa do espelho e a formação do eu. Os resultados estão em dois textos sintomáticos do meu percurso, para quem porventura se interessar: o ensaio “Psiquê e psichê: no encontro dos espelhos de Machado e Rosa”, publicado em *Interpretações – Crítica literária e psicanálise* (livro coletivo organizado por Cleusa Rios P. Passos e Yudith Rosenbaum), e o conto-ensaio “Boceta de Pandora”, publicado na Revista Piauí número 121. Este último ilustra bem o que eu disse antes sobre as minhas intenções atuais de escrita.

Pianista, compositor, professor de Literatura, escritor e ensaísta. Como se dá o diálogo entre essas vozes?

A certa altura da minha vida pública havia quem me conhecesse como professor universitário e havia quem me conhecesse como músico, sem que os dois lados se conhecessem entre eles. Com o tempo, cavou-se uma espécie de túnel entre esses lugares, por onde passam recados. Acho que esses recados estão sempre, de alguma forma, na intersecção dos sons e dos sentidos. Por isso, é mesmo um diálogo de vozes. No princípio, isso tudo me soava como um duplo lugar estranho a ser conquistado. Hoje, se olharmos bem à volta, vemos que a junção im-

provável de música com literatura, do oral com o escrito, do erudito com o popular, do acadêmico com o artístico, é uma vocação brasileira forte que se espalha um pouco por toda parte. Há poetas que são letristas; cancionista que é romancista, que é ensaísta, que é filósofo, que é semiótico; performer roqueiro que é poeta visual, do livro e da canção; artista plástico que é ficcionista, poeta, ensaísta e músico; violonista escritor que é cancionista e diretor de orquestra sinfônica.

A FLIP, que se encerrou em 14 de julho e que homenageou Euclides da Cunha, contou com sua participação em diversas mesas. O que você nos diria da experiência e da avaliação dessa edição da Festa Literária?

Essa foi a FLIP mais viva de que eu já participei. Em parte porque ela se tornou um dos maiores respiradouros político-artísticos do momento que vivemos. Também porque se capilarizou, se adensou e multiplicou suas vozes, indo da análise ao manifesto, da reflexão à intervenção artística, da canção ao slam, tudo se contagiando. Nunca vi um show de abertura como foi a apoteose epifânica do Oficina, feita na garra, sobre os sertões de Canudos. Amei participar, no final, do espetáculo “Máquinas do mundo”, com o núcleo artístico da Mundana Companhia, transfigurando por dentro a Igreja Matriz de Paraty com uma junção de literatura e arte visual. Muita gente, muitas conversas enriquecedoras. Voltei altamente energizado.

// Sandra Gonzaga e Silva
sagon@globo.com



Imagem de PIRO4D por Pixabay

Morte e Vida no Suicídio



Antecipando em meados de agosto, o Setembro Amarelo, mês em que procuramos ter uma reflexão especial sobre a crescente presença do fenômeno do suicídio, a SBPRJ contou com uma jornada científica intitulada, *Suicídio, podemos falar sobre isso*.

A jornada teve a participação de convidados, como o psiquiatra Hélio Rocha, estudioso do comportamento e um dos autores da Avaliação do Risco de Suicídio e Sua Prevenção, da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro. Apesar do subregistro e subnotificações, o índice vem crescendo entre jovens e também idosos. O maior risco se apresenta entre indivíduos com tentativas anteriores, embora os transtornos mentais e outros fatores psicossociais, tais como perdas, separações e isolamento (entre outros), além de violência doméstica e abusos físicos, também favoreçam a ocorrência desse fato. Hélio nos alertou que, embora as tenta-

tivas sejam mais frequentes entre mulheres, a efetivação do suicídio continua mais comum entre homens e por métodos mais violentos. A importância da avaliação, estratificando o risco de acordo com ideação, tentativas prévias, planos e acesso à forma como é planejado, seriam de capital importância no atendimento ao paciente com esse tipo de risco.

O filósofo Pedro Duarte, nosso convidado tão familiar, discorreu brilhantemente sobre como a possibilidade de tirar ou continuar com a própria vida implica conceitualmente na sua liberdade máxima, que cessa quando o indivíduo comete o suicídio. "A liberdade se radica na finitude da vida humana, que nunca apenas é, ela está sempre sendo e pode sempre deixar de ser." Cita Camus, que considera o suicídio, filosoficamente, o único problema realmente sério, porque julgar se a vida merece ou não ser vivida é a mais premente das questões. "Na afeição de um homem pela vida há qualquer coisa de mais forte que todas as misérias do mundo... Ganhamos o hábito de viver, antes de adquirirmos o de pensar", diz Camus.

Maria Caú, escritora e crítica de cinema, estudiosa de Woody Allen, também nos agradeceu com sua presença, falando de Camus e sua ideia do absurdo da vida e como o suicídio pode se apresentar para alguns como uma solução para o incompreensível do viver. Após assistirmos à exibição de "Interiores", filme de Allen, cuidadosamente escolhido pelo nosso colega Luiz Fernando Gallego, Maria Caú mostrou-nos como a questão aparece na sua obra. Esse seria um dos dois filmes desse artista que apresenta personagens que da intenção passam ao ato, enquanto em várias outras películas suas, os personagens ficam somente na ideação.

Três colegas nossos, Bernard Miodownik, Sherrine Njaim e Fátima Amin completaram as mesas de discussão, trazendo reflexões criativas e profundas sobre o tema. Bernard iniciou com a apresentação em vídeo da cantora lírica Eliane Coelho, da ária *Suicídio*, na ópera *La Gioconda de Ponchielli*. A soprano canta sobre a "...última voz do meu destino, última cruz do meu caminho..." Em seguida, Bernard nos falou sobre os

muitos significados e fantasias que o suicídio pode representar, tais como o descanso que irá aplacar a angústia aniquiladora, o retorno à calma intrauterina ou mesmo uma vingança e agressão contra alguém. A impossibilidade de um apaziguamento simbolizante de uma expectativa excessivamente alta de si mesmo e de uma rigidez na visão do *self*, assim como o conflito em torno de ser francamente dependente poderiam contribuir para este desfecho trágico da vida.

Sherrine se ateu ao assunto da morte e à morte do analista, mais especificamente. O fim de uma análise não significaria a morte interna do analista, pelo contrário, este pode se manter vivo ao lado de outros objetos internos do analisando. O analista sobrevive, portanto, até mesmo à sua morte física. O discurso emocionante de Sherrine mobilizou vários colegas, cujos analistas já não estão mais entre nós e que, em seguida, nos deram seus depoimentos. Fátima, que dividiu a mesa pós-projeção com Maria Caú, nos falou poeticamente das sutilezas do filme de Allen, reprojetoando ao longo da sua fala muitas imagens para que todos pudessem relembrar o que acabavam de ver, nos detalhes que escolhia. A música daria o tom tanto quanto as cores que retratavam os personagens. A suicida que só se vestia de tons apagados foi comparada com a sua rival cheia de vida e tons quentes. O contraste entre a primeira (Eve ou Eva), encerrada em seu narcisismo de morte, e a segunda, cujo nome Pearl (Pérola) apontaria para seu destino na vida da família a que chegara, simbolizava a necessidade de uma saída para os demais integrantes.

O evento mostrou, pela casa lotada e vibração tanto dos palestrantes quanto do auditório participativo, a nossa necessidade de continuarmos a discutir este assunto. Longe de esgotado, está apenas perdendo a vergonha de se apresentar como uma temática com muitas avenidas a serem exploradas!

// Monica Aguiar
monaguair27@gmail.com



Pequena história do Cinema e da Psicanálise no século XX

15º capítulo - Ainda na década de 1950: a *Nouvelle Vague* (1)

O grande acontecimento cinematográfico no final dos anos 1950 foi o surgimento da *Nouvelle Vague*, o primeiro movimento cinematográfico produzido com base em um interesse pela memória do Cinema: "Foi a partir do preito à tradição que nasceu, nos artigos de futuros cineastas, a ideia de ruptura, de novidade a afirmar." (Manvey, 2007, p. 224).

Os anos de ouro de Hollywood haviam ficado para trás e, em breve, a França viveria uma fase de grande contestação, com movimentos estudantis, greves etc. O Cinema passou a ser feito por jovens que amadureceram na Guerra Fria, numa Europa pós-guerra sem inocência, massificada e superpovoadas por imagens do cinema, publicidade e televisão.

Como características da *Nouvelle Vague* são destacadas: uma "estética da fragmentação", com valorização do acaso; a câmera sendo usada sem muitas regras ou definições; um uso de formas similares às dos documentários, evitando-se o sistema de estre-

las e astros. Há muitas filmagens nas ruas – em oposição ao uso de estúdios (ver "Acossado", de Jean-Luc Godard). Os "planos-sequência" são muito utilizados. Não há apenas personagens fortes ou bem definidos; surgem em primeiro plano personagens marginais, contrariando a fotogenia do cinema norte-americano.

Quanto à narrativa, os filmes parecem ser feitos sem roteiro, para parecerem fluidos; as narrativas parecem não estruturadas, fragmentadas: há uma polifonia narrativa, com criatividade no uso de "voz-over" e flashbacks, explicando a figura do narrador (como em "Jules e Jim", de François Truffaut).

Há influência conceitual do diretor da revista 'Cahiers du Cinéma', André Bazin, que antes valorizara os planos-sequência e a profundidade de foco dos filmes de William Wyler e de Orson Welles. "Cidadão Kane" é revisto como marco e ganha a aura de "maior filme de todos os tempos", um resumo do cinema clássico americano e antecipação de tudo que viria até surgir a

Nouvelle Vague. Também há uma incorporação de estilos e posturas da "pop art", do teatro de Brecht, da colagem, do ensaio, dos quadrinhos, da literatura, do marxismo ao maoísmo (em Godard) e à pintura.

Diretores, ex-críticos, como Godard, Truffaut e Claude Chabrol têm paixão pelo cinema americano, por cineastas que "driblavam" o sistema hollywoodiano, como Hitchcock e Nicholas Ray – e pelo neo-realismo italiano.

A crítica favorável ao movimento defende a "Política de Autores" e a ruptura com o tradicional: transgressão, juventude, crítica, discussão, cinefilia, memória e polêmica, ou seja, um cinema ativista. Os cineastas dessa escola iniciaram a defesa do "cinema de autor", o reconhecimento do diretor como autor de sua obra; tal mudança radical na forma de fazer, analisar e compreender o Cinema iria influenciar nos EUA os realizadores da 'Nova Hollywood' em outra década futura.

Na Psicanálise, o freudismo também se fragmenta em teorias e escolas: mais do que um pluralismo, o que se observa é uma escolástica excludente. Nos Estados Unidos, predomina a "Psicologia do Ego", de Hartmann, Kris e Lowenstein, ignorando outras escolas e pensadores, enquanto na Inglaterra, grupos kleinianos e winnicottianos disputam espaço. Na França, a influência de Lacan aumenta.

Na Argentina e no Brasil, ainda é a predominância kleiniana que se observa, especialmente em Sociedades como a "Brasileira de Psicanálise de São Paulo" e na nossa "Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro", fundada em 07 de dezembro de 1959, portanto completando 60 anos em 2019!

// Luiz Fernando Gallego
luizgallego@gmail.com



Cena do filme "Jules e Jim", de François Truffaut

E COM A PALAVRA, NOSSOS GANHADORES

Ter trabalhos premiados em dois Congressos brasileiros consecutivos por si só diz sobre a emoção pessoal. Satisfaz-me o reconhecimento das elaborações teóricas e clínicas que tenho realizado.

No Congresso anterior, em Fortaleza, recebi o prêmio para membro efetivo com um trabalho sobre as raízes subjetivas do ódio e sua permanência enrijecida na história de alguns indivíduos.

No recente Congresso, em Belo Horizonte, recebi o prêmio Revista Brasileira de Psicanálise, com um trabalho sobre a contratransferência. Há muito sabemos sobre a influência da subjetividade do analista para favorecer ou obstaculizar o processo psicanalítico. Discuto no texto as dificuldades no manejo da contratransferência devido às incertezas sobre a real influência dessa subjetividade e para qual das duas direções pen-

de nas diversas situações da prática clínica. Alegro-me receber o prêmio no ano em que a SBPRJ faz 60 anos. Entendo que é um reconhecimento para a nossa Sociedade pelo espaço potencial – nos termos de Winnicott – que ela oferece ao desenvolvimento dos seus membros”.

// Bernard Miodownik
betchkov@uol.com.br

Receber a premiação e o reconhecimento internacional foi de grande comemoração e alegria, mas também atualizou a permanente ameaça da continuidade do Travessia nesses persistentes 16 anos de pesquisa de modelos de liberdade criativa em consonância com o rigor do pensamento psicanalítico.

A premiação do Travessia e dos outros projetos que merecem igualmente o nosso reconhecimento nos reforçou a convicção de que, mais do que nunca, ações integradas de saúde mental precisam de apoio institucional nacional e internacional para resistir à constante violação dos direitos humanos.

A premiação também nos fez conscientes da grande responsabilidade de apoiar a atual política desenvolvida pela IPA para a participação dos psicanalistas em movimentos sociais, assim como estimular políticas de fortalecimento de vínculos com outras instituições internacionais, a fim de criar uma rede de apoio, que inclui o intercâmbio de conhecimentos e métodos de angariação de fundos, em busca de um mundo menos cruel e perverso, tanto no plano individual quanto coletivo.

// Maria Teresa Rocha
mteresanaylorrocha@gmail.com

Comemorando 19 anos de permanência no ar, o Projeto SBPRJ-Rádio MEC, em parceria com a SPFor, e o Projeto Travessia foram reconhecidos pela IPA como importante contribuição da Psicanálise para a comunidade. As equipes dos programas *Escutar e Pensar* e *Perguntar e Pensar* agradecem o apoio da SBPRJ, da SPFor e da Febrapsi, recebido ao longo dos anos, comungando conosco da convicção que sempre nos norteou, de que o conhecimento é um bem a ser distribuído amplamente. A IPA não mantém o olhar restrito ao privado, distanciado do coletivo; ao contrário, se expande para mirar tanto a dor do sujeito quanto a do homem. E não permanece indiferente à catástrofe social. Se o homem é sua subjetividade e todo o contato com o mundo se faz por meio dessa instância, ter noção de que existe um

mundo de emoções em cada indivíduo desde sempre, do berço ao leito de morte, saber algo sobre o funcionamento mental, é fundamental para o avanço social, pois possibilita pensar sobre as próprias emoções, o que amplia o autoconhecimento e o conhecimento do outro, expande a capacidade de tolerância e empatia, a noção de consideração, e, portanto, favorece as relações humanas. E, parafraseando Freud em sua carta a Einstein, tudo que contribua para estabelecer vínculos afetivos entre os indivíduos impulsiona a evolução cultural e, certamente, atuará contra a violência e a violenta exclusão social, um dos males graves da atualidade”.

// Sônia Eva Tucherman
soniaeva@globo.com



"Stone Speak Pair" (2010), Jane McAdam Freud.
Créditos: Sam Drake, Courtesy of Gazelli Art House.